

HOMOFOBIA NO ESPAÇO ESCOLAR: DESAFIOS EDUCACIONAIS E SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA A VIDA DE INDIVÍDUOS LGBTQIA+

Islândia Josefa Ferreira de Sousa¹
Raissa Maria Reis Costa²
Regiane Oliveira Rodrigues³

RESUMO

A homofobia é um tipo de violência existente no âmbito escolar, frequentemente manifestada por meio de agressões verbais e até mesmo físicas, carregadas de conotações sexuais pejorativas em relação à orientação sexual da vítima. Essa forma de violência passa despercebida pelas instituições escolares. Nesse sentido, esta pesquisa surge da necessidade de explorar os desafios educacionais enfrentados por jovens LGBTQIA+ devido à homofobia, bem como as consequências de longo prazo dessas experiências. Foi realizada a pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa, a partir de referenciais teóricos de autores como Altmann (2013), Borillo (2009), Louro (1999), dentre outros teóricos fundamentais para uma abordagem mais completa do objeto em estudo. Os desafios educacionais enfrentados por indivíduos LGBTQIA+ incluem a falta de representatividade e inclusão nos currículos escolares, a ausência de políticas de proteção e combate à homofobia nas escolas, bem como a resistência por parte de alguns educadores em abordar questões relacionadas à diversidade sexual e de gênero. Esses desafios têm como consequência a criação de um ambiente hostil e não acolhedor para o público LGBTQIA+, o que afeta na autonomia, saúde mental e desempenho escolar de cada sujeito. O estudo apresenta como resultado a necessidade de enfatizar a importância do desenvolvimento de currículos escolares inclusivos, da formação de educadores para lidar com questões relacionadas à diversidade e da implementação de políticas de combate à homofobia nas escolas.

Palavras-chave: Homofobia, LGBTQIA+, Currículo, Espaço Escolar, Desafios.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho buscou-se analisar a homofobia no espaço escolar, na qual é frequentemente manifestada por meio de agressões verbais e até mesmo físicas, carregadas de conotações sexuais pejorativas em relação à orientação sexual ou identidade de gênero da vítima, violência essa que passa despercebida pelas instituições escolares. Nesse sentido, esta pesquisa surge da necessidade de explorar os desafios educacionais enfrentados por jovens LGBTQIA+ devido à homofobia, bem como as consequências de longo prazo dessas experiências.

Para alcançar esse objetivo, foi conduzida uma pesquisa de natureza bibliográfica com uma perspectiva qualitativa, baseada em fundamentos teóricos de autores como Altmann

¹Graduanda pelo Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, islandiajosefa@gmail.com;

²Graduanda pelo Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, raissamaria527@gmail.com;

³ Mestre em Educação, Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, regyanejc23@gmail.com.

(2013), Borillo (2009), Louro (1999), e outros estudiosos cujas contribuições são fundamentais para uma compreensão mais completa do tema em análise. Os obstáculos educacionais que o grupo LGBTQIA+ enfrenta abrangem a escassa representação e inclusão em programas escolares, a ausência de políticas de prevenção e combate à homofobia nas instituições de ensino, além da resistência de alguns educadores em abordar questões relacionadas à diversidade. Esses desafios resultam na criação de um ambiente desfavorável e pouco acolhedor para os membros da comunidade LGBTQIA+, impactando negativamente em sua autonomia, saúde mental e desempenho acadêmico.

O estudo apresenta como relevância social a necessidade de enfatizar a importância do desenvolvimento de currículos escolares inclusivos, da formação de educadores para lidar com questões relacionadas à diversidade e da implementação de políticas de combate à homofobia nas escolas. Para atingir tal objetivo entende-se que, a homofobia, assim como as outras formas de preconceitos, é uma maneira de colocar o indivíduo, neste caso, o público LGBTQIA+, no estado de inferioridade ou anormalidade, fundamentada no domínio da óptica heteronormativa, na qual dita a heterossexualidade como norma.

É imprescindível esclarecer que, com o passar dos anos o termo homofobia passou a ser usado também em alusão a situações de preconceito, discriminação e violência contra pessoas LGBTQIA+, ou seja, não apenas para homossexuais. Vale ressaltar também que, o termo LGBTQfobia é mais abrangente e engloba todas as formas de preconceito e hostilidade direcionadas a qualquer pessoa que faça parte da comunidade, são eles, lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais ou transgêneros, queers, intersexuais, assexuais e pessoas de outras identidades de gênero e orientações sexuais não heterossexuais. Entretanto, é possível usar os dois termos, "homofobia" e "LGBTfobia", de forma intercambiável, pois ambas as palavras são utilizadas para denunciar atitudes e comportamentos negativos direcionados a pessoas com base em sua orientação sexual ou identidade de gênero.

Diante do que foi mencionado, refletindo sobre o preconceito contra o público LGBTQIA+ e os desafios educacionais diante dele, a seguinte pesquisa almeja responder os seguintes questionamentos: Quais são as consequências da homofobia em sala de aula para a vida acadêmica, saúde mental e bem-estar emocional de estudantes LGBTQIA+? Quais os desafios enfrentados na implementação de programas de combate à homofobia no espaço escolar?

Ademais, é importante ressaltar que, sem discussões adequadas sobre gênero, pode ser difícil para a sociedade construir uma cultura inclusiva que respeite a diversidade de identidades de gênero e orientações sexuais. Isso pode ser especialmente prejudicial para pessoas

LGBTQIA+ que enfrentam discriminação e marginalização. Diante da importância do tema, este trabalho tem como objetivo geral compreender os desafios educacionais enfrentados por jovens LGBTQIA+ devido à homofobia, bem como as consequências de longo prazo dessas experiências. A partir da problemática norteadora, inclui-se também os seguintes objetivos específicos: analisar o impacto da homofobia no desempenho acadêmico e no desenvolvimento psicossocial dos estudantes LGBTQIA+, considerando aspectos como autoestima, identidade e saúde mental; identificar as políticas e práticas educacionais que têm sido implementadas para combater a homofobia nas escolas, analisando sua eficácia e limitações; e destacar a experiência de indivíduos LGBTQIA+ no espaço escolar, compreendendo os desafios e barreiras que enfrentam em relação ao acesso à educação, integração social e bem-estar emocional.

METODOLOGIA

O presente trabalho apresenta uma abordagem bibliográfica, desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos em formato eletrônico. Segundo Lakatos e Marconi (2005), a pesquisa bibliográfica permite chegarmos a conclusões inovadoras, quando examinamos um tema sob novo aspecto e abordagem. Neste sentido, compreende-se que ao analisar as diferentes fontes de conhecimento disponíveis sobre o tema, é possível obter uma compreensão mais aprofundada e abrangente do assunto em questão. Além disso, a pesquisa bibliográfica permite que o pesquisador avalie diferentes perspectivas e teorias, o que pode levar a conclusões inovadoras.

O artigo foi baseado nos estudos de Altmann (2001, p 576), Borillo (2009, p. 24-25), Louro (1999, p.67-68), e entre outras fontes, como Google Acadêmico, SciELO, PsycINFO. Diante disso, fez-se o uso da pesquisa qualitativa, visto que ela tem como característica principal interpretar o fenômeno que se observa objetivando a compreensão e seu significado.

O foco metodológico que abarca esta pesquisa se define através da dedicação em pesquisar, analisar e estruturar o tema. Para essa finalidade, foi necessário o levantamento e revisão bibliográfica, planejamentos e estudo em conjunto, análise e discussão dos dados para reunir o que já foi colocado pelos autores sobre o tema, agregando as informações. O esperado que ocorra com essa investigação sobre a homofobia presente no meio educacional, é a síntese das informações a respeito e a compreensão acerca de sugestões eficazes para que o âmbito educacional se torne mais acolhedor.

É interessante esclarecer que, as atividades que serão realizadas durante o processo de desenvolvimento do trabalho são: estudos e levantamentos teóricos sobre os principais

obstáculos educacionais confrontados por jovens LGBTQIA+ devido à discriminação por sua orientação sexual ou identidade de gênero, assim como as repercussões de longo prazo dessas vivências; o efeito da discriminação por orientação sexual ou identidade de gênero no rendimento escolar e no crescimento psicossocial dos estudantes LGBTQIA+, levando em conta fatores como autoconfiança, senso de identidade e bem-estar emocional; as ações educacionais que têm sido adotadas para enfrentar a discriminação por orientação sexual ou identidade de gênero nas instituições de ensino, examinando sua efetividade e restrições.

REFERENCIAL TEÓRICO

A escola é uma instituição de poder, que tem como obrigação proporcionar igualdade e dignidade, coletiva e individual, para aqueles que estão incluídos no sistema de ensino. Ao mesmo tempo, são evidentes a inércia dos espaços escolares e a falta de criação de políticas públicas sobre a homofobia no espaço escolar, o que contribui para que o Brasil seja um dos lugares em destaques no "ranking" de países que mais discriminam e matam pessoas LGBTQIA+.

Essa forma de preconceito tem efeito na evasão escolar de alunos que expressam identidades diferentes do padrão heterossexual e isso retrata também nas tentativas de suicídio de adolescentes em conflito com sua própria identidade sexual e de gênero, devido aos preconceitos e a marginalização sofrida, principalmente no âmbito escolar.

O conceito de gênero vai além da perspectiva naturalista de distinções biológicas, na qual reforçou historicamente na sociedade as diferenças e desigualdades entre homens e mulheres. Desta forma, o gênero “indicava uma rejeição do determinismo biológico implícito no uso de termos como "sexo" ou "diferença sexual", que está implicado fundamentalmente em distinções sociais que reforçavam tais diferenças. (Scott, 1995, p. 72)

Diante dessa óptica, é crucial destacar que o gênero está intrinsecamente ligado à forma como uma pessoa se identifica, e essa identidade de gênero pode ser construída e desconstruída socialmente. De acordo com a autora mencionada anteriormente, o gênero é um elemento que está enraizado nas interações sociais, as quais se baseiam em percepções sociais das diferenças e, frequentemente, reforçam dinâmicas de poder. Nesse cenário, o conceito de gênero surge como uma resposta à necessidade de desafiar uma visão dualística tradicional dos sexos. Esse desafio abre caminho para reconhecer e aceitar uma ampla gama de expressões de feminilidade e masculinidade que coexistem na sociedade, muitas das quais anteriormente eram consideradas

desviantes em relação a um padrão convencional, mas agora estão sendo reconhecidas como parte integrante da diversidade humana.

Uma das principais vítimas no processo de evasão escolar, são adolescentes transexuais, que dificilmente conseguem terminar seus estudos devido à grande exclusão, sendo forçados a abandonarem a escola e muitos recorrem ao caminho da prostituição, visto que, diferentemente de adolescentes gays, lésbicas ou bissexuais por exemplo, os transexuais têm mais dificuldade em esconder a sua diferença, tornando-se as vítimas mais visíveis dessa agressão escolar e familiar. É importante destacar que, não é vantajoso mencionar que a outra parte do público LGBTQIA+, como gays, lésbicas, bissexuais, intersexuais, e entre outros são privilegiados devido a essa facilidade em esconder sua orientação sexual, pois, o “silenciamento” da sua própria sexualidade é também uma forma de violência. Como lembra Guacira Louro:

Ao não falar a respeito deles e delas, talvez se pretenda ‘eliminá-los’, ou, pelo menos, se pretenda evitar que os alunos e as alunas ‘normais’ os/as conheçam e possam desejá-los/as. Aqui, o silenciamento – a ausência da fala – aparece como uma espécie de garantia da ‘norma’. (1997, p. 67-68)

Seguindo o pensamento da autora nota-se que, essa espécie de silenciamento, muitas vezes seguido de omissão diante de casos de violência física ou verbal contra estudantes que expressam sua diferença sexual e de gênero, é um fenômeno compartilhado também por professores que evitam abordar o tema da diversidade sexual e de gênero dentro de suas aulas. Esse processo de ocultamento por parte da escola e de professores em relação a identidade de gênero e orientação sexual de alguns alunos conclui-se, de forma sutil, que se o aluno se portar conforme seu sexo biológico os problemas serão amenizados e o indivíduo poderá permanecer em sala de aula de forma tranquila.

Borrillo (2009, p. 20) definiria essa “aceitação parcial” dos homossexuais por parte dos heterossexuais como uma forma específica de homofobia, que ele nomeia como “homofobia cognitiva”. O autor denomina tal homofobia como uma forma de preconceito que aceita e tolera a existência de homossexuais, ao mesmo tempo em que essa homofobia perpetua a diferença e não considera que eles sejam dignos dos mesmos direitos que os heterossexuais. Portanto, as instituições escolares devem assumir o compromisso de reconhecer a existência da homofobia, especialmente quando ela se manifesta disfarçada em brincadeiras e opiniões. A partir desse reconhecimento, é essencial que a escola tome medidas para evitar e combater os prejuízos que essa forma de violência pode causar no desenvolvimento educacional e psicológico de cada estudante. Além disso, é incumbência da escola abordar de forma proativa esse tema, proporcionando capacitação profissional para seu corpo docente e para toda a comunidade

escolar, a fim de que estejam preparados para identificar e intervir diante desses casos de violência voltada para o público LGBTQIA+.

As diferentes visões, crenças e valores que constituem os sujeitos e as sociedades, atravessados por tabus, preconceitos e discriminação social, transformam as discussões sobre identidade de gênero e diversidade sexual na escola em temas polêmicos, principalmente em se tratando dos conceitos relativos às orientações sexuais e identidades de gênero, pois se externa que a promoção de tais debates na escola ameaça a heteronormatividade vigente na sociedade. Diante dessa ausência de intervenção das instituições de ensino, cria-se a impressão de que as diferenças não existem, mascarando e reforçando as desigualdades em nome de uma suposta normalidade no qual impacta diretamente no aprendizado, identidade e bem-estar dos estudantes. Esse impasse impede que a escola desempenhe adequadamente uma de suas mais importantes funções sociais na contemporaneidade: colaborar para o fortalecimento na sociedade de uma cultura que saiba respeitar e valorizar a diversidade. Guacira Louro nos lembra que:

A escola é, sem dúvida, um dos espaços mais difíceis para que alguém “assuma” sua condição de homossexual ou bissexual. Com a suposição de que só pode haver um tipo de desejo sexual e que esse tipo – inato a todos – deve ter como alvo um indivíduo do sexo oposto, a escola nega e ignora a homossexualidade (provavelmente nega porque ignora) e, desta forma, oferece poucas oportunidades para que adolescentes ou adultos assumam, sem culpa ou vergonha, seus desejos. O lugar do conhecimento mantém-se, com relação à sexualidade, o lugar do desconhecimento e da ignorância. (2000, p. 30).

Seguindo a lógica da autora, essa falta de conhecimento sobre o assunto, juntamente com a suposição mantida por educadores de que a escola deve abordar apenas temas universais, com a norma da heterossexualidade sendo inquestionavelmente natural e abrangente, resulta na exclusão da discussão da sexualidade para estudantes LGBTQIA+ e leva à omissão da diversidade sexual e de gênero do currículo, inclusive nas aulas de Educação Sexual.

Outro fato importante a ser mencionado é que, a baixa taxa de resolução desses casos pode sugerir que essa repulsa e ódio contra esse público é percebido como algo tolerável, uma vez que envolve pessoas que são comumente consideradas como estando à margem da sociedade, fora das normas e valores morais estabelecidos. Adicionalmente, segundo uma pesquisa do Grupo Gay Bahia, o número de pessoas LGBTQIA+ assassinadas no Brasil em 2022 coloca o país no topo mundial entre os que realizam esse tipo de levantamento. A partir dessa sondagem, conclui-se que 1 (uma) morte acontece a cada 34 (trinta e quatro) horas, violência essa que vem ganhando força com os discursos extremistas, que fomentam uma

cultura de intolerância e discriminação. Todo esse cenário afeta negativamente a vida e saúde de pessoas que se identificam como LGBTQIA+ ocasionando também confusões com sua própria identidade, por isso, o acolhimento e a disseminação de informação verídicas e de qualidade são essenciais para amenizar os possíveis efeitos nocivos.

Desde a criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) que trazia o Tema Transversal da Orientação Sexual, no final da década de 1990, é provável encontrarmos em distintos lugares do Brasil escolas que realizem algumas discussões sobre esses temas, mas elas ainda caminham em direção à prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) e à gravidez na adolescência, omitindo uma série de assuntos fundamentais para a compreensão acerca da identidade de gênero e sexualidade. Essas abordagens são definidas por um olhar restrito à esfera do biológico, sendo assim, perdendo diversas oportunidades para a realização de diálogos entre diferentes espaços de saberes.

Quando ações são realizadas em conjunto, de forma interdisciplinar, englobando as diferentes áreas como, formação de professores, currículo, desenvolvimento psicológico e entre outras envolvidas nos espaços escolares, conseqüentemente se propicia um maior diálogo entre saberes diferentes, como também favorece a ampliação dos debates acerca de gênero e sexualidade nas escolas.

Observa-se então, o foco da educação sexual a ser implementada pela escola estava ocorrendo:

em virtude do crescimento de casos de gravidez indesejada entre adolescentes e do risco da contaminação pelo HIV, o tema Orientação Sexual foi criado como um dos temas transversais a ser trabalhado ao longo de todos os ciclos de escolarização. Cabe, portanto, à escola – e não mais apenas à família – desenvolver uma ação crítica, reflexiva e educativa que promova a saúde das crianças e dos adolescentes. (Altmann, 2001, p. 576).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), ao determinarem a interdisciplinaridade, resultaram em uma nova condição, que é a capacitação do educador. É válido destacar também que, os professores também carregam seus preconceitos e receios em abordar a sexualidade, sendo produtos de uma educação repressiva. Fica evidente, portanto, a importância da qualificação profissional, ou melhor, da formação contínua, pois a sexualidade nos remete ao âmbito privado, o que implica em relações emocionais. Por conseguinte, para realizar a Educação Sexual, conforme proposto pelos PCNs, é necessário que o aluno perceba que um canal de comunicação está aberto e confiável, e que o professor possua a capacitação para um diálogo franco. É relevante lembrar que os PCNs abordam a sexualidade como uma

construção cultural e a tratam em suas dimensões biológicas, psicológicas e socioculturais, vinculando-a aos direitos humanos, cidadania, ética e saúde.

É pertinente recordar que os temas transversais foram incorporados a partir de questões emergentes e urgentes, especialmente no que se refere à urgência social. A vivência da sexualidade tornou sua inclusão no currículo das escolas necessária, e, conseqüentemente, pode influenciar o processo de ensino das questões relacionadas à sexualidade. Portanto, a capacitação do profissional para transmitir essas informações é extremamente relevante, pois conceitos carregados de preconceitos, limitados e excessivamente conservadores, associados a uma formação inadequada do educador, tornam o ato de ensinar uma mera transmissão de informações permeadas por valores pessoais, criando, assim, obstáculos para combater a homofobia dentro do sistema educacional.

Falar sobre sexualidade e gênero nas escolas é crucial para promover a inclusão e a aceitação do público LGBT. Essa discussão vai muito além de uma simples questão de informação, ela se insere no contexto de direitos humanos, respeito e dignidade para todos os indivíduos, independentemente da orientação sexual ou identidade de gênero.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A homofobia persistente nas escolas é um fenômeno complexo e multifacetado, muitas vezes enraizado em preconceitos sociais e culturais. A ausência de educação sexual inclusiva e abrangente nas escolas contribui para a ignorância e a perpetuação de atitudes homofóbicas, por isso, quando não se discute abertamente a diversidade de orientações sexuais e identidades de gênero, o preconceito pode prevalecer.

É de conhecimento geral que, o ambiente escolar é um cenário rico em diversidade, abrangendo uma ampla gama de pensamentos, identidades e comportamentos, logo, a escola desempenha um papel crucial ao promover o respeito pela pluralidade e ao defender os direitos, contribui de maneira significativa para a formação cidadã dos indivíduos. Dessa forma, a instituição educacional é um reflexo da sociedade e, em algumas situações, pode replicar padrões de desigualdade associados a aspectos como gênero, raça, orientação sexual e outras formas de identidade. No entanto, é importante ressaltar que a escola tem a capacidade e o dever de combater tais disparidades, pois sua missão primordial é fornecer uma educação de alta qualidade, pautada na reflexão crítica e na cidadania, para todos os seus alunos.

Diante dessa circunstância, a formação contínua de professores desempenha um papel crucial na luta contra a homofobia no ambiente escolar. Através de uma formação sólida, os

professores se capacitam para abordar o tema diante de situações de homofobia que possam surgir na escola. Eles se tornam mediadores entre os estudantes, auxiliando na erradicação da homofobia tanto no ambiente escolar quanto na sociedade em geral.

Portanto, é possível afirmar que este trabalho teve um papel de grande relevância ao proporcionar uma abordagem da educação sexual como um elemento crucial a ser abordado na luta contra a homofobia. Promovendo assim a discussão desses assuntos nos ambientes educacionais, incentivando uma avaliação crítica por parte daqueles que reconhecem a importância científica e social de novas pesquisas, assim como de políticas educacionais voltadas para a implementação de estratégias que atendam à diversidade por meio da educação.

Parafraseando Louro (2001), as escolas são locais de conhecimento, e em relação a sexualidade acabam sendo um local de ocultamento, tornando este um local do desconhecimento e da ignorância. Conforme a autora, os jovens são mais profundamente marcados pela escola por meio das experiências e situações diárias que vivenciam. Essas impressões estão intrinsecamente ligadas à maneira como moldamos nossas identidades sociais, especialmente no que diz respeito à identidade de gênero e sexualidade. Em sua maioria, os jovens veem a escola como um ponto de referência crucial em suas vidas, abrangendo múltiplos aspectos. Daí a relevância de abordar, de maneira informada e sem preconceitos, as questões de gênero e sexualidade no ambiente escolar, considerando a diversidade de pensamentos, compreensões e orientações de gênero. No entanto, isso demanda profissionais capacitados para conduzir esses debates, e essa capacitação pode e deve começar nos cursos de formação inicial de professores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi abordado pode-se concluir a importância da discussão sobre sexualidade e gênero no currículo escolar na qual essa abordagem vai além da mera transmissão de informações, sendo fundamental para promover a inclusão e aceitação desse público na sociedade. O preconceito e a marginalização no espaço escolar voltado para o público LGBTQIA+ gera um efeito devastador na saúde física e psicológica desses jovens. Nesse sentido, com base nas análises realizadas, pode-se perceber que a problemática da homofobia na esfera educacional é um assunto sensível que requer discussão contínua.

Em decorrência disso, incluir a discussão sobre sexualidade e gênero no currículo escolar é fundamental para um ambiente educacional mais inclusivo e seguro para os estudantes LGBTQIA+. A aprendizagem sobre diferentes orientações e identidades ajuda esses alunos a



se sentirem validados e representados, promovendo um senso de pertencimento. Além disso, essa educação contribui significativamente para o combate à discriminação e preconceito, incentivando o desenvolvimento de empatia, compreensão e respeito pela diversidade humana.

Outro ponto relevante a ser citado é a desconstrução de estereótipos e mitos prejudiciais ligados à LGBTfobia. Ao promover um ambiente de aprendizado que desafia essas ideias preconcebidas, cria-se um espaço mais seguro para os alunos da comunidade LGBTQIA+, no qual eles podem se expressar livremente e serem autênticos.

É imprescindível esclarecer também que, a inclusão da educação sobre sexualidade e gênero não apenas beneficia os estudantes LGBTQIA+, mas também promove o entendimento e aceitação entre todos os membros da comunidade escolar. Essa conscientização é um passo fundamental na construção de uma sociedade mais justa e igualitária, que valoriza e respeita a diversidade de orientações sexuais e identidades de gênero.

Portanto, é crucial que a discussão sobre sexualidade e gênero continue sendo prioridade no ambiente educacional, contribuindo para um progresso real na direção de uma sociedade mais inclusiva, respeitosa e justa para todos. Esta é uma ação essencial para o avanço em direção a um futuro mais igualitário e progressista.



REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena. 2005. *Pedagogias da sexualidade e do gênero: educação sexual em uma escola*. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação, PUC-Rio.

BORRILLO, Daniel. A homofobia. In: LIONÇO, T.; DINIZ, D. (Org.). *Homofobia e educação: um desafio ao silêncio*. Brasília: Letras Livres: Ed. UNB, 2009.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ª. Ed. São Paulo. Atlas 2003. Disponível em: http://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-eindia. Acesso: 25 de jul. 2023.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____ Guacira Lopes. Heteronormatividade e Homofobia. In: Rogério Diniz Junqueira, (org.). *Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas* – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

_____ Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____ Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Autêntica, 2ª Edição. Belo Horizonte, 2000.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. v. 15, n .2, jul/dez 1995.